

SEÇÃO DE LIVROS

JOE
KENNEDY

**FABRICANTE
DE MITOS**



RONALD KESSLER

Passaram-se mais de 30 anos desde a publicação do primeiro livro importante a respeito de Joseph P. Kennedy. Desde então, muito material tornou-se disponível em arquivos.

Agora, pessoas próximas do patriarca da principal dinastia política dos Estados Unidos começam a se sentir mais à vontade para falar do que sabem.

Ronald Kessler, ex-jornalista do *Post* de Washington e autor do *best-seller* *Inside the White House* (*Por Dentro da Casa Branca*), compulsou dezenas de documentos nunca antes consultados, decifrou diários manuscritos praticamente ilegíveis e entrevistou fontes confidenciais. Neste notável trabalho de investigação jornalística, ele apresenta revelações chocantes e lança nova luz sobre certas alegações surpreendentes.



Um retrato de família dos Kennedy nos anos 30; capa do «Time» de 1957.

UMA HISTÓRIA de brilhantismo acompanhava a foto de expressão severa de John F. Kennedy que a revista *Time* publicou na capa de seu número de 2 de dezembro de 1957. Descrevia o pai do «gênio democrata de 1957»



como um ex-embaixador na Grã-Bretanha, ex-presidente da Comissão de Títulos e Câmbio e da Comissão Marítima dos Estados Unidos e dono de uma fortuna calculada em mais de 200 milhões de dólares.

O artigo do *Time* foi um dos muitos publicados pela mídia em

louvor de Joseph Kennedy. Com seu olhar inquisitivo, suas sardas e seu cabelo louro-arruivado, ele fascinava a imprensa como, mais tarde, também o faria seu filho Jack.

Até morrer, em 1969, com 81 anos, Joe foi muitas vezes descrito com os atributos que se seguem e outros de mesmo cariz: herói digno de Horatio Alger; católico praticante; alguém que, depois de uma infância pobre, se guindou à posição do homem mais rico da América. Era normalmente fotografado com a mulher, Rose, e um ou mais dos nove filhos — a imagem de um marido e chefe de família dedicado.

Só recentemente, quando ficaram

disponíveis novas fontes e documentos, soube-se como estava longe da verdade a imagem pública que Joe Kennedy compôs à sua volta.

Quase todos os relatos sobre sua juventude referiam a fome por escassez de batatas na Irlanda; a infância desse filho do dono de um bar em East Boston; a luta para custear os estudos na Universidade de Harvard; o fato notável de ele se ter tornado diretor de um banco aos 25 anos de idade.

É verdade que os avós paternos, Patrick Kennedy e Bridget Murphy Kennedy, emigraram da Irlanda depois da chamada fome da batata em 1845, assim como que seu filho Patrick Joseph, conhecido como P. J., foi dono de um bar em Boston. Mas também é verdade que P. J. Kennedy era um poderoso político de Boston e banqueiro abastado. Na época em que seu filho Joseph Patrick Kennedy nasceu — 6 de setembro de 1888 —, a família vivia numa confortável casa de tijolos de quatro pisos. Segundo depoimento de Mary Lou McCarthy, a sobrinhaneta, «Joe não veio do nada.» A família «tinha criados e juntas de cavalos, boas roupas e viajava pela Europa».

Joseph era reverenciado como único varão vivo na família. Tinha uma personalidade magnética e, se o pai, P. J., parecia um rufião, ele tinha uma aparência mais fina, com um sorriso rasgado e olhos de um azul impressionante. Contudo, também era dado a acessos temperamentais, aos quais recorria para conseguir o que pretendia. Quando se enfuriava,

os olhos punham-se cinzentos da cor do aço, transluzentes e gelados. O efeito era aterrador.

Quer o pai, quer a mãe eram pessoas muito capazes, e ela, Mary, empenhou-se especialmente em que o filho viesse a ombrear com as personagens importantes que na época dominavam a sociedade bostoniana. Chegou à conclusão de que, em vez de continuar na escola católica, Joe devia ir para a Boston Latin School, um reduto da elite local, e entre cujos alunos estiveram Benjamin Franklin e Ralph Waldo Emerson.

Joe viria a afirmar que, ao longo de sua carreira, foi alvo de preconceitos contra os irlandeses, mas o mais provável, se pensarmos na classificação medíocre que obteve, é que a Universidade de Harvard, esse bastião dos grão-finos de Boston, tenha abaixado fortemente seus padrões de admissão para aceitá-lo como aluno.

Uma explicação plausível é o fato de a escola saber que se tratava do filho de um político influente. Também é possível que o prefeito John F. Fitzgerald, o Honey Fitz, tenha contactado a faculdade a pedido de P. J., com quem trocava favores frequentes. Além disso, o jovem namorava sua filha Rose, bela moça, de olhos azuis e cabelo castanho.

A carreira de Joe não se distinguiu muito particularmente em Harvard. Depois de se formar, em 1912, o pai arranhou-lhe um emprego de bancário, que lhe permitiu vir a ser fiscal estadual de contas bancárias. Nisso, ele aprendeu a interpretar extratos de conta, a ponderar concessões de

créditos e a avaliar bens. E, o que era mais útil, ficou sabendo que empresas estavam em dificuldades, quais as que tinham excesso de liquidez, quais as que planejavam aquisições e quem estava para falir. Uma das estratégias de investimento que mais tarde adotou foi obter informações confidenciais dos bancos acerca de empresas com problemas para depois fazer baixar as respectivas ações e comprá-las mais baratas.

A 14 de novembro de 1913, ele se demitiu do cargo de fiscal de contas bancárias e, a 20 de janeiro de 1914, era eleito diretor do Columbia Trust, de que seu pai fora cofundador. «Diretor de Banco aos 25 anos» foi a manchete do *Herald* de Boston. Os jornais locais chegaram a publicar uma série de artigos sobre o jovem administrador, fazendo notar que trabalhava de 14 a 16 horas por dia, fato esse que deu origem a uma carta de um bancário do Brooklyn de Nova York, o qual, a propósito de tal afirmação, disse que, se Joe levava tanto tempo para gerir o banco, devia ser «burro».

Jovem precoce

Foi por essa altura que ele estreitou laços com seu benfeitor, o prefeito Fitzgerald: pediu Rose em casamento, a 13 de junho de 1914. Com esse gesto, Joe fazia jus ao provérbio «Casar com uma moça da montanha é casar com a montanha toda». Associara habilmente seu destino ao do homem mais influente de Boston. A 7 de outubro de 1914,

JOE KENNEDY, FABRICANTE DE MITOS

o cardeal William O'Connell celebrou o casamento numa capela privada coberta de flores, ao lado da residência cardinalícia.

Quase exatamente nove meses depois da lua-de-mel, a 25 de julho de 1915, nasceu o primeiro filho de Rose e Joe, Joseph Patrick Kennedy Jr. Seguiu-se-lhe, a 29 de maio de 1917, um menino franzino de olhos azuis, John Fitzgerald Kennedy, o Jack.

Passada uma semana, com a Primeira Guerra Mundial já adiantada, chegou uma convocação para os americanos de 21 a 30 anos comparecerem para mobilização. A maior parte dos amigos de Joe já se tinha apresentado como voluntária, mas ele não tinha intenção de ir para a guerra.

Guy Currier, um de seus mentores e advogado em Boston, veio em seu socorro. Era lobista da Bethlehem Shipbuilding Corp., de Quincy, Massachusetts, e pediu emprego para ele na empresa. Os estaleiros recusaram, alegando que o candidato nada entendia de construção naval. Quando o prefeito Fitzgerald fez saber que lhe agradaria ter o genro nos es-

taleiros, Joe foi logo nomeado vice-diretor-geral, com um ordenado anual nunca inferior a 15 000 dólares, a partir de outubro de 1917.

Uma vez que assim contribuía para o esforço de guerra, Joe solicitou que suas funções fossem classificadas como serviço militar. O pedido foi rejeitado, mas ele influenciou os altos dirigentes da empresa a que obtivessem dos funcionários em Washington sua dispensa do serviço militar. Sete meses depois da assinatura do armistício e afastado o risco de ser mobilizado, ele disse adeus aos estaleiros.

Acabava de conhecer ou-



Joe e Rose Kennedy no dia do casamento, em 1914.

tra pessoa influente, Galen Stone, sócio da bem-sucedida firma de corretagem Hayden, Stone & Co. O então ex-prefeito Fitzgerald interviu, prometendo favorecer os negócios de Stone se este contratasse o genro. Joe começou como corretor. Galen Stone ensinou a seu protegido como ganhar grandes somas negociando informações confidenciais das empresas, prática que, embora na época não fosse ilegal, já era considerada pouco ética.

Sem demora, porém, ele abandonou a firma e passou a se ocupar de outro negócio ainda mais rendoso: a venda ilegal de bebidas. Em 1920, entrou em vigor a Lei Volstead, que deu início à Proibição. Consta que Joe encomendava bebidas alcoólicas de fabricantes estrangeiros — na Inglaterra, por exemplo — para distribuição nos Estados Unidos. Frank Costello, figura importante no crime organizado, revelou mais tarde que Joe o abordou para ajudá-lo no contrabando de bebidas. Providenciaria para serem depositadas num ponto de descarga marítima onde a polícia seria paga para não entrar em ação, depois do que Costello se encarregaria de distribuir e fixar os preços da mercadoria.

Calcula-se que, em meados dos anos 20, Joe possuísse 2 milhões de dólares, equivalentes a 17,5 milhões hoje. Quando Rose leu a notícia de tal riqueza num jornal local, perguntou ao marido se era verdade e, assim sendo, por que não lhe dissera que eram ricos. Ele pôs termo à conversa respondendo:

— Como poderia dizer isso a você se eu próprio não o sabia?

A tribo

Enquanto isso, a família crescia. Depois de Jack, veio Rose Marie, conhecida por Rosemary, nascida a 13 de setembro de 1918. A seguir, a 20 de fevereiro de 1920, nasceu Kathleen (Kick), depois Eunice Mary em julho de 1921 e Patricia em maio de 1924.

Embora Joe tenha declarado a um jornalista do *Herald-Tribune* de Nova York que nunca censurava os filhos quando não se destacavam nos primeiros lugares («Não vale a pena dar excessiva importância às insuficiências»), eles se lembram desse tempo de forma diferente. O objetivo era vencer em tudo, qualquer que fosse o custo.

— Meu pai sempre foi muito competitivo —, deixou registrado Eunice. — Ele nos repetia constantemente: não há mérito nenhum em ficar em segundo lugar.

Thomas Bilodeau, amigo de Joe Jr., lembra que tudo se centrava no pai.

— Os Kennedy, pelo menos os dois mais velhos na época, adoravam o Sr. Kennedy, e só pensavam no que ele dizia.

— Joe controlava tudo — conta sua sobrinha, Mary Lou McCarthy. — A maneira como cada um se vestia, como se comportava à mesa, a atitude em relação aos estudos, à religião, ao governo.

No verão, as crianças apresenta-

vam-se às 7 da manhã junto do professor de Educação Física para fazer exercícios de ginástica. Depois do café, tinham aulas de natação, vela e tênis.

Joe também não tinha paciência para sinais que pudessem ser interpretados como fraqueza ou auto-compaixão dos filhos. Queria que fossem «capazes de sorrir, por mais dura que fosse a situação», conta o filho Edward (Ted).

— «Não quero gente choramingando por aqui», costumava ele dizer. E não se cansava de repetir às crianças: «Os Kennedy não choram.»

Por sua parte, Rose era avara de gestos de afeto.

— A Sra. Kennedy não dizia que gostava dos filhos — testemunha Luella Hennessey, ama que tomou conta dos filhos dos Kennedy. — Não era coisa que se dissesse.

Estava fora grande parte do tempo, fazendo viagens freqüentes a Paris para comprar roupas caras. Quando se encontrava em casa, nem sempre estava acessível. Tinha um chalé pré-fabricado na propriedade de Hyannis Port para poder «retirar-se», como dizia.

Era distante dos filhos, mesmo em situações de doença. Quando Jack foi hospitalizado em Connecticut, por mais de um mês, no início de 1934, ela não foi visitá-lo. Segundo Jack, a mãe era «um pouco distante», o que, em face dessa experiência, parece uma consideração bastante benévola.

O casal tinha um relacionamento curioso. Quando fez 40 anos, Ro-

se decidiu ir a Paris sozinha. Durante sua estada, o par trocou telegramas. «Que alegria me deu [Joe] quando me telegrafou para Paris no dia de meu aniversário, chamando-me ‘a oitava maravilha do mundo!’», escreveu ela. Da mesma forma, em outubro de 1934, comemoraram o vigésimo aniversário de casamento enviando-se telegramas.

Está para se saber se Joe amava realmente a mulher, ou se ela servia apenas como meio de satisfazer suas aspirações. O que é claro é que Rose nunca foi seu único amor. Desde os primeiros tempos do casamento, tornaram-se constantes e bem conhecidas as infidelidades do marido.

Quanto aos filhos dos Kennedy, estes eram de total lealdade entre si.

— Gostávamos uns dos outros mais do que das outras pessoas, mas julgo que isso é natural — afirmou Eunice.

Eram como uma tribo. E se a família agia como um clã, Joe controlava as finanças e mantinha os filhos na ignorância a esse respeito.

Na opinião de Arthur Krock, colunista do *New York Times* e amigo de Joe Kennedy, era a «força» da personalidade do pai e «o fato de ele os ter feito ricos» que mantinham os filhos na linha. Sabiam que «lhe deviam a independência financeira», afirmou ele. «Estavam-lhe agradecidos por isso. Não tinham de trabalhar para viver.»

Significava isto que, se o pai dissesse a um dos filhos que entrasse na política, ele responderia: «Sim, senhor.»

Outro efeito do domínio de Joe foi o de privar os filhos da consciência de que a responsabilidade pessoal é essencial para uma maturidade plena. Depois de comemorar os 44 anos, em maio de 1961, Jack, na época presidente dos Estados Unidos, estava em frente da casa de família de Hyannis Port, à espera de um helicóptero que o levaria para o aeroporto. Virou-se para o pai e disse:

— Pai, não tenho um centavo.

Joe mandou o secretário buscar um maço de notas. Jack pegou o dinheiro e disse com um sorriso:

— Depois eu devolvo.

Enquanto o via partir, o pai murmurou:

— Então vamos comemorar...

O caso Gloria

— Joe estava sempre tomando nota das coisas que proporcionavam poder e refinamento. Queria ambos — conta Thomas G. Corcoran, assessor do presidente Franklin D. Roosevelt e, em determinado momento, advogado de Kennedy. — Estudou as origens do poder. Este vinha do dinheiro, e por isso ele não descansou enquanto não o teve.

Em meados dos anos 20, o poder e o dinheiro pareciam concentrar-se na indústria cinematográfica americana. Os estúdios estavam produzindo 740 filmes por ano e empregavam tanta gente como a indústria automobilística. «Uma mina de ouro», dizia Joe aos amigos.

Para ter acesso a ela, ele adquiriu a maioria das ações de uma subsidiária

diária da empresa cinematográfica Robertson-Cole, que produzia cerca de 50 filmes por ano. Também decidiu comprar uma cadeia de salas de espetáculo para distribuir os filmes que produzisse. Escolheu a Keith-Albee-Orpheum Corp. Conhecida como KAO, a cadeia tinha cerca de 700 salas nos Estados Unidos e no Canadá, com capacidade para mais de 1 milhão de espectadores diários. Joe ofereceu 4,2 milhões de dólares por ela.

Edward Albee, co-fundador da KAO, recusou a oferta. Por fim, prevenido lucros polpudos e a manutenção de seu cargo como diretor da empresa, concordou. Assim que foram assinados os documentos, a 10 de maio de 1928, e Joe foi nomeado presidente, disse-lhe de chofre:

— Não sabia, Ed? Você está fora dessa. Tem de ir embora.

Em fevereiro de 1928, ele trabalhou como conselheiro especial no conselho de administração da Pathé, produtora de documentários noticiosos e comédias. Pouco depois, tornou-se presidente da empresa, que começou a pilhar, praticando o tipo de negócios com informações de cocheira que o haviam enriquecido.

Também se aproveitou do antigo patrão, Guy Currier, afastando-o, a ele e a seus clientes, de um bom contrato que obtivera com a Radio Corporation of America. Embora se tenha perdido o relato dos pormenores, o certo é que Currier, como muitos dos que ajudaram Joe, acabou por se dar conta de que este o atraíçara.

JOE KENNEDY, FABRICANTE DE MITOS

Tendo conquistado Hollywood, Kennedy pôs-se em busca de nova conquista. Encontrou-a em Gloria Swanson. No início dos anos 20, juntamente com Charlie Chaplin e Mary Pickford, Swanson era uma das estrelas mais populares do mundo. Quando Joe a conheceu, ela ia pelos 28 anos e era a atriz mais bem paga do cinema mudo. Era linda.

Estando carecida de financiamento para sua companhia de produção cinematográfica, um amigo aconselhou-a a procurar Joe. Os dois formaram uma empresa conjunta, a Gloria Productions, Inc., e dissolveram a firma existente. Swanson concedeu ao assessor de Joe, E. B. Derr, plenos poderes de representação.

Joe, na época notoriamente envolvido em aventuras amorosas, convidou-a, assim como ao marido, Henri de la Falaise de la Coudraye, um marquês francês, para o visitarem numa estância em Palm Beach, na Flórida. Numa tarde, arranjou as coisas de forma que Edward Moore, seu braço direito, levasse La Coudraye à pesca submarina. Foi assim que conseguiu gozar com Swanson uma hora de paixão no hotel.

Passou a viver largas temporadas na Califórnia. Andava tão fascinado com Hollywood e com Gloria que não se dispôs a ir assistir ao funeral do pai, embora, ao saber de sua doença, o tivesse visitado pouco tempo antes no Leste. Com 71 anos, P. J.

Gloria Swanson; Joe e Rose voltando de uma viagem ao estrangeiro.



Kennedy morreu repentinamente em 18 de maio de 1929 de carcinoma do fígado. Na cerimônia fúnebre, foi Joe Jr., na altura com 13 anos, quem assumiu o lugar do pai e acompanhou Rose no velório.

No fim do verão de 1929, ficou praticamente pronto o filme *The Trespasser*, produzido por Joseph P. Kennedy e com Gloria Swanson como atriz principal. A estréia deveria realizar-se em Londres em setembro. Joe propôs a Gloria que se encontrassem lá, fazendo a viagem marítima de regresso a Nova York no mesmo navio. Ela fez-lhe notar que não podiam ser vistos juntos na viagem, ao que ele respondeu:

— Não estaremos sozinhos. Rose também vai.

Gloria ofendeu-se. Ele servia-se da mulher como cobertura para o relacionamento entre os dois. Mas sabia que era inútil protestar. Concordeu, mas quis levar um amigo.

Quando Joe e Gloria apareceram juntos no convés do transatlântico, Rose notou que corriam boatos acerca de um caso amoroso entre os dois, mas sabia que «nunca tivera razões para se preocupar, e só senti pena da pobre Gloria».

Durante a viagem, Swanson não percebeu se Rose sabia o que se passava. Recordou em suas memórias: «Ela seria tola... ou santa? Ou simplesmente melhor atriz que eu?»

Apesar dessa aparente ingenuidade, Rose sabia da verdade. Disse-o à sobrinha Kerry McCarthy, referindo-se ao relacionamento de Joe com a Swanson como «um namoro, uma

ligação temporária». «Durante um ano, seu tio achou que ela era fascinante e depois percebeu que era muito ignorante.»

A raposa no galinheiro

Apesar de seus desentendimentos, na primavera de 1929 Currier voltou a ir em socorro de Joe, avisando-o de que o mercado de ações sofria um superaquecimento.

Joe vendeu suas posições nas grandes companhias e comprou obrigações municipais, colocando o dinheiro no banco. Também continuou a fazer negócios no mercado de ações em crise, especulando.

Mais tarde, disse a Gloria Swanson, muito contente, que vendera suas ações na Wall Street antes da bancarrota, na «Terça-feira Negra». Preparava-se para tirar proveito dos estragos sofridos por aqueles «que não foram tão espertos» como ele.

O envolvimento desta com Joe terminou de fato em 1930, abruptamente, quando descobriu que ele a defraudara. Servindo-se dos plenos poderes que ela lhe conferira, ele debilitara em sua conta pessoal vários presentes caros que oferecera a ela própria e a outras pessoas.

O mercado de ações recompôs-se, e Joe voltou a fazer dinheiro na Wall Street. Mas invadia-o a inquietação. Tendo marcado pontos em Hollywood, chegou à conclusão de que o verdadeiro poder estava em Washington. Forjou uma aliança política com Franklin D. Roosevelt, o candidato presidencial democrata, e deu-

JOE KENNEDY, FABRICANTE DE MITOS

lhe, segundo afirmou um de seus familiares, pelo menos 360 000 dólares para suas campanhas — o equivalente a 4 milhões de dólares hoje.

Como todo mundo, Roosevelt deixou-se conquistar pelos encantos de Joe. Este serviu a seus objetivos, pronunciando discursos elogiosos sobre a política do New Deal. Como bom cavalheiro de indústria, falava a linguagem dos homens de negócios, e estes respeitavam-no.

A seguir à eleição de Roosevelt, Joe esperou ansiosamente, e depois com irritação, mas da Casa Branca não veio nenhum recado lhe oferecendo algum cargo na nova administração. A verdade é que o presidente tomara conhecimento do passado financeiro de Joe e dos fatos que o tinham tornado famoso na Wall Street.

Finalmente, no fim do verão de 1933, Joe tomou o assunto em mãos. Convidou James Roosevelt, um dos filhos do presidente, à sua casa em Hyannis Port. Se o pai se tinha atrasado em premiá-lo pela ajuda que lhe dera na campanha, então ele iria se servir do filho — e de sua ambição e falta de ética — para obter os favores presidenciais.

James Roosevelt, ou Jimmy, como o chamavam, fundara uma agência de seguros em Boston. Joe começou a facilitar-lhe negócios. Sem revelar as consideráveis vantagens financeiras que obtinha dele, Jimmy escreveu então ao pai para pressioná-lo a chamar Joe para um lugar na administração. Roosevelt nomeou-o finalmente para a Comissão de Títulos e Câmbio (SEC), recentemente criada, raciocinando que calhava bem um ladrão para pegar ladrões.

Quando a nomeação foi anunciada, houve quem se indignasse. Na opinião de muitos, Joe simbolizava tudo o que originara a criação da Comissão com o fim de lhe dar combate. *The New Republic* classificou de «grotesca» a escolha. Era «incrível» que um presidente «desafiasse a opinião pública» a ponto de escolher alguém como Kennedy, acrescentava a revista.

Mas Arthur Krock, colunista do *New York Times*, contribuiu para amenizar as críticas, uma vez que suas opiniões tinham mais impacto em Washington que quaisquer outras. «J. P. Kennedy notabilizou-se ao vencer várias dificuldades», era o título de seu artigo. Viria a tornar-se



CONHEÇA O PESSOAL

um dos promotores não oficiais de Joe em troca de favores de toda espécie, como caixas de uísque escocês de qualidade e férias prolongadas na casa de Joe em Palm Beach.

A 2 de julho de 1934, Joe tomou posse na SEC. Manteve-se nesse cargo pouco mais de um ano, até setembro de 1935, quando se demitiu.

Sr. Embaixador

Passaram-se dois anos. Foi então que passou a aspirar a outro cargo governamental:

— Gostaria de ser embaixador na Inglaterra — disse a James Roosevelt.

Tendo continuado a contribuir com grossas quantias para a campanha de reeleição de Roosevelt, achava que o presidente ainda estava em dívida com ele.

Jimmy sugeriu essa idéia ao pai, e Roosevelt riu-se tanto que quase caiu da cadeira de rodas. Mas sabia que ainda necessitava do dinheiro de Joe e temia fazer dele um possível rival político.

Apelidando-o de «embaixador de nove filhos», os jornais ingleses reproduziram fotos de Joe com seu sorriso rasgado. Numa caricatura do *Evening News*, via-se um grande ônibus à porta da embaixada americana com essa legenda: «O Sr. Kennedy leva a família ao teatro.»

A princípio, a imprensa britânica elogiou-o, encarando-o como o homem de confiança de Roosevelt, uma grande figura política, alguém em condições de favorecer a Inglaterra

em questões como a dívida da Primeira Guerra Mundial e os pactos comerciais. Ele se mostrou acessível, dando entrevistas informais, com os pés em cima da secretária.

Mas a opinião pública inglesa logo mudou de idéia quando se tornou evidente que a filosofia de Joe em matéria de política externa era apaziguar os nazistas. Ele irritou muitos britânicos e americanos com um discurso que fez num jantar comemorativo da batalha de Trafalgar dado pela Liga Naval Britânica em Londres, em que afirmou que era «improdutivo» para as democracias e as ditaduras «aprofundar a divisão atual entre elas, insistindo em suas divergências».

Segundo dizia, o que estava em questão não era a agressão armada, a sobrevivência da democracia, a moral, a justiça ou a decência, mas apenas diferenças ideológicas entre dois sistemas políticos igualmente válidos. Mesmo depois da declaração de guerra da Grã-Bretanha à Alemanha, a 3 de setembro de 1939, mandou um telegrama a Washington sugerindo que, se Roosevelt negociasse com Hitler, estaria em boa posição para «salvar o mundo».

O presidente confidenciou a James Farley, seu conselheiro, que o telegrama era «a mensagem mais idiota que já recebera».

O governo britânico começou a organizar um fichário secreto das observações mais ofensivas de Joe. Segundo um dos documentos nele contido, num determinado banquete, ele expressara, «com alguma sa-

JOE KENNEDY, FABRICANTE DE MITOS

tisfação», a opinião de que os ingleses estavam em vias de ser completamente «destroçados».

Harold Ickes, secretário do Interior, referindo-se a ele na presença de Josiah Wedgwood, parlamentar liberal, teria afirmado: «Mandamos um homem rico, sem preparação de diplomata, desconhecedor em matéria de história e política, que procura chamar sobre si as atenções e que, segundo parece, ambiciona tornar-se o primeiro presidente católico dos Estados Unidos.»

Mas Joe e Roosevelt, ambos homens de duas caras, continuaram a servir-se um do outro para seus próprios fins. A principal preocupação de Roosevelt era manter Joe em Londres, onde teria dificuldades em preparar uma candidatura presidencial. Para Joe, continuar como embaixador significava não apenas prestígio, mas riqueza. Uma guerra prejudicaria seus substanciais rendimentos como importador de bebidas alcoólicas, um negócio que ainda mantinha ativo. Servia-se de sua posição como embaixador para obter espaço precioso em barcos de carga com destino aos Estados Unidos.

Quando se declararam as hostili-

dades, mandou a família de volta. Pouco depois, começou a guerra aérea na Inglaterra. Em 1940, com as bombas caindo por toda parte, chegou à conclusão de que estava farto e abandonou o posto.

Após seu regresso, Roosevelt voltou a ser reeleito para um terceiro mandato, a 5 de novembro de 1940. A 6 de novembro, numa reunião que durou 5 minutos, Joe pediu demissão do cargo de embaixador.

Deixara poucos amigos na Inglaterra. A. J. Cummings sintetizou a carreira diplomática de Joe no *News Chronicle*: «Enquanto estive aqui, seu suave sorriso permanente, seus nove filhos, fotografados profusamente, e seus modos familiares ocultaram o homem de negócios empedernido, ansioso por negociar com os ditadores para obter vantagens comerciais. Decepcionou muitos ingleses honestos.»

Menina perdida

Depois de regressar da Inglaterra, Joe optou por manter a residência legal em Palm Beach: na Flórida não havia impostos sobre rendimentos e heranças. Parecia levar uma vida



quase perfeita. Podia gozar o sol, ao mesmo tempo que se mantinha em contacto com o escritório de Nova York, vendo os investimentos multiplicarem-se.

Só havia um problema grave: a filha Rosemary. Sempre fora mais lenta que os outros filhos e, à medida que crescia, o feitio meigo tornara-se azedo, sendo freqüentes as crises de raiva e violência. Aos 22 anos, começou a vagar pelas ruas, sozinha, no meio da noite. Os pais receavam que a molestassem.

Joe já tinha praticamente afastado a filha do convívio da família. Antes de ser nomeado para Londres, quem tomava conta dela eram seu auxiliar Edward Moore e sua mulher, Mary. Em Londres, internou-a num colégio. Depois do regresso aos Estados Unidos, mandou-a para um convento em Washington.

Consultou dois cirurgiões que se tinham tornado os principais adeptos de lobotomias pré-frontais. O Dr. Walter Freeman e o Dr. James W. Watts, ambos ligados à Escola de Medicina da Universidade George Washington, estavam sinceramente convencidos do que faziam, mas na época em que Joe lhes pediu ajuda, só tinham realizado 66 operações daquele tipo.

A era da lobotomia iniciara-se no princípio dos anos 30, quando dois neurologistas seccionaram os lobos frontais de cérebros de chimpanzés, tornando-os dóceis. O cientista português António Egas Moniz chegou à conclusão de que o que parecia dar resultado em símios podia atuar

da mesma maneira em seres humanos. Perfurou os crânios de 20 doentes mentais em estado grave e anunciou que a maior parte deles registava melhorias ou cura.

No entanto, em muitos casos, as operações produziam a substituição de um conjunto de sintomas perturbadores por outros. Em vez de se comportarem de forma desordenada e irracional, os doentes passavam a ser essencialmente zumbis por causa da lesão cerebral sofrida.

Sob a orientação do Dr. Freeman, o Dr. Watts operou Rosemary. Tornou-se imediatamente evidente que a operação não fora bem-sucedida. Na realidade, a paciente ficou ainda pior. Rose afirmou em seu livro *Times to Remember (Tempos para Se Lembrar)* que, embora a operação tivesse posto termo ao comportamento violento da filha, também «teve o efeito de deixar Rosemary permanentemente incapacitada».

Antes, a jovem escrevia cartas encantadoras, dançava e fazia exercícios aritméticos. Depois da lobotomia, ficou com mentalidade infantil. Ainda viva hoje, Rosemary vive numa casa à parte, nos terrenos da Escola St. Coletta em Jefferson, no Wisconsin. Não consegue lavar-se e vestir-se sozinha, nem sequer calçar-se, e tem de estar sob vigilância constante.

Numa família que se apresentava de uma lealdade total, era como se Rosemary tivesse deixado de existir.

— Nunca se mencionava seu nome dentro de casa — recorda Janet Des Rosiers, secretária e mais tarde

amante de Joe. — Eu sabia de sua existência porque via as fotografias de família no sótão. Acho que a Sra. Kennedy ia visitá-la todos os anos. Tanto quanto sei, Joe nunca a foi ver.

— A Sra. Kennedy me contou, há 20 anos, que ficara muito triste ao descobrir que tinham realizado a lobotomia porque ninguém a avisara — contou Nancy Tenney Coleman, amiga da família.

Dada a maneira autoritária de Joe tratar os assuntos de família, é provável que isso seja mesmo verdade.

Da mesma forma que atribuía o problema crônico que Jack tinha nas costas a uma lesão sofrida num jogo de futebol, Joe pode ter inventado a história do atraso mental de Rosemary — idéia que o Dr. Watts não aceitava. Segundo ele, Rosemary não apresentava atraso mental; sofria, isto sim, de uma forma de depressão.

O Dr. Bertram S. Brown, ex-diretor do Instituto Nacional da Saúde Mental, partilhava da mesma convicção.

— Mas o estigma da doença mental naquele tempo era como o do câncer, ou pior ainda — faz notar o Dr. Brown. — Como chegar a pre-

sidente quando se tinha um caso de doença mental na família? O atraso mental não é da responsabilidade de ninguém, por isso é menos penalizado. Mesmo naquele tempo [do Dr. Watts], considerava-se má prática médica a realização de lobotomia no caso de um doente mental.

A trágica ironia da vida de Joe foi o fato de sua arrogância e ambição predadora terem acabado por destruir alguns de seus filhos. Rosemary foi apenas a primeira.

Ordem de marcha

Mesmo depois de adultos, os filhos continuavam sob seu domínio. James A. Rousmanière, amigo de Jack em Harvard, recordou que este era tão controlado pelo pai que «fora fazer o curso em Harvard, em vez de Princeton, como queria, por insistência do pai».

Como tese de licenciatura em Harvard, Jack escolheu o tema «Apaziguamento em Munique», cujo conteúdo e conclusões lhe foram sugeridas pelo pai.

Depois de sair de Harvard, o controle prosseguiu. Jack conheceu uma jovem loura de olhos azuis chamada

attalo
DA ALDEIA GLOBAL.



www.attalo.com

Inga Arvad. Era uma dinamarquesa de rara beleza, escolhida pelo *Times-Herald's* de Washington para assinar a coluna «Por acaso não viu...», de entrevistas superficiais com celebridades de Washington.

Inga conheceu Kathleen Kennedy, a Kick, que trabalhava no jornal como secretária do editor-chefe, e esta apresentou-a ao irmão, que era então guarda-marinha e fora destacado para o Departamento de Inteligência Naval em Washington. Pouco depois, Jack e Inga, que era casada, tiveram um tórrido caso amoroso.

Foi depois da declaração de guerra ao Japão, a 8 de dezembro de 1941, que uma amiga jornalista confidenciou a Kathleen que não se admirasse se Inga Arvad fosse espiã de uma potência estrangeira, afirmando ter visto num velho jornal uma foto de Inga com Hitler nos Jogos Olímpicos em Berlim. A legenda descrevia-a como uma beldade dinamarquesa nomeada responsável pela propaganda nazista na Dinamarca.

Kathleen transmitiu a acusação a Inga, que insistiu então que o FBI investigasse a situação para se ilibar. Sem que o soubesse, porém, este órgão já minuciava suas atividades. Seu apartamento era vigiado por agentes e até haviam colocado dentro dele aparelhos de escuta.

Quando o FBI soube, em janeiro de 1942, que Inga tinha um caso com Jack, as preocupações acentuaram-se. O trabalho deste — redação de boletins de espionagem — pertencia à categoria de alta seguran-

ça e dava-lhe acesso a informações secretas.

Quase imediatamente, J. Edgar Hoover telefonou a Joe. Quanto a este, a maior ameaça colocada por Inga era o futuro político do filho. Quem quer que casasse com Jack teria de ser um trunfo político, e não um risco. (Pela mesma razão, ele tinha o hábito de verificar os antecedentes das pessoas que namoravam com os filhos, chegando mais tarde a contratar detetives privados para vigiá-los.)

Não queria que a reputação de Jack ficasse manchada por estar ligado a uma possível espiã da Alemanha. Telefonou-lhe, e o filho cumpriu o que lhe foi ordenado. Comunicou à moça que deixariam de se ver, apesar de muitos de seus amigos terem a sensação de que este teria sido um de seus poucos amores verdadeiros.

Verificou-se depois que as transcrições do FBI de muitas conversas entre os dois não continham revelações significativas acerca de seu trabalho nos serviços secretos navais. E se Inga era espiã, disfarçou perfeitamente bem a coisa.

Jack acabou por ser mandado para o Pacífico como comandante de um barco-patrolha torpedeiro. Por volta das 14 horas de um domingo, 2 de agosto de 1943, o destróier japonês *Amagiri* abalroou seu barco, o *PT-109*, quando este patrulhava as águas profundas do estreito de Blackett, nas ilhas Salomão. Ele foi ao fundo e morreram dois tripulantes. Os outros, gravemente feridos, esta-

vam todos correndo o risco de morrerem afogados.

Jack nadara para lugar seguro, deitado sobre um pedaço do casco, mas, ao ouvir os gritos de seus homens, mergulhou, enfrentando correntes perigosas para salvar pelo menos dois deles. Todos os sobreviventes foram recolhidos de uma ilha próxima seis dias depois.

A 12 de agosto de 1944, Joe Jr. foi morto quando seu avião explodiu sobre a Inglaterra. Dois padres revelaram a funesta notícia a Joe em Hyannis Port.

— Eu estava presente quando apareceram para informá-lo de que o filho morreria na guerra — contou Joe Gargan, sobrinho de Rose. — Foi depois do almoço. Bateram à porta e pediram para falar com o Sr. Kennedy. Ele convidou-os a subir ao quarto. Depois, desceu ao solário e informou os restantes filhos. Rose estava lá, e ele também lhe contou, obviamente. Ficaram os dois pesados, mas ele afirmou: «Joe não havia de gostar que ficássemos aqui chorando; por isso vamos velejar.» E os filhos foram.

Em Palm Beach, no Natal do mesmo ano, Joe disse a Jack que ele teria de tomar o lugar de Joe Jr. e entrar para a política. Anos depois, esse evocou esse momento na presença do jornalista Bob Considine:

— Foi como se eu tivesse sido mobilizado. Meu pai queria que o filho mais velho fosse político. «Querida» não é bem a palavra. Exigia.

Nem mesmo tal objetivo supremo jamais foi posto em dúvida. Se-

Com suas 48 edições
em 19 idiomas,
Seleções do Reader's Digest
é a revista
mais lida do mundo.



Deixamos marcas
em 100 milhões de vidas.

te meses depois de Joe dar ao filho suas ordens de marcha, conforme recorda James A. Reed, amigo de Jack desde o tempo da guerra, deu-se o seguinte:

— Estávamos em Hyannis Port passando o fim de semana. Era julho de 1945. Tomávamos um drinque antes do jantar. Honey Fitz propôs um brinde ao futuro presidente dos Estados Unidos.

E fitou Jack nos olhos.

Não há dinheiro que pague

Por coincidência, Jack apresentou sua primeira candidatura ao Congresso precisamente no fim da Segunda Guerra. Os americanos, no

delírio de se verem livres do conflito, estavam dispostos a receber de braços abertos qualquer herói regressado das linhas de combate.

Jack tivera um comportamento heróico, decerto, mas a guerra produziu dezenas de milhares de heróis americanos. O que distinguia-o era o fato de o pai ter o saber, a apetência e os relacionamentos que lhe permitiam valorizar os atos do filho durante a guerra para obter vantagens políticas.

Ao ter notícia de que Jack estivera envolvido num ato heróico, tentou obter-lhe a Medalha de Honra do Congresso, ou pelo menos a Cruz da Marinha. Em vez disso, conferiram-lhe a Medalha do Corpo de Fuzileiros. Ele utilizou suas ligações com jornalistas para fazer aparecer artigos sobre o filho nas principais revistas, inclusive no *Reader's Digest*.

A 22 de abril de 1946, Jack anunciou sua candidatura para a nomeação democrata ao Congresso. O pai criara a Fundação Joseph P. Kennedy em 1945. Pouco depois, esta começou a fazer donativos em dinheiro a instituições católicas no círculo escolhido por Jack na área de Boston.

A principal ocupação de Joe passou a ser dirigir a campanha do filho. Tomava todas as decisões importantes em matéria financeira e estratégica, supervisionava a escolha dos que trabalhavam para a campanha, entregava donativos e encontrava-se com o filho no Ritz-Carlton ao fim de cada dia de campanha para industriá-lo acerca do programa

do dia seguinte. Jack, com seu sorriso fotogênico, era apenas a figura de proa.

Para garantir que Jack ganhasse a campanha para as primárias, Joe pagou a Joseph Russo, um porteiro, para ele entrar na corrida da eleição. Tal coisa confundiu os eleitores e dividiu os votos que se destinavam ao outro Joe Russo, um político autêntico que já figurava antes nas listas. A tática obteve tão bons resultados que até a tia do candidato verdadeiro se desorientou e votou errado no porteiro, segundo relata Joseph A. Russo, filho do candidato.

Jack ganhou as primárias dos democratas para o Congresso a 18 de junho de 1946. Logo depois, o pai vendeu a empresa de importação de bebidas alcoólicas, a Somerset Importers, Inc. Liberava com isso 8 milhões de dólares para ajudar Jack na campanha e evitar que este seu negócio constituísse um centro de atenções.

Segundo o ex-porta-voz do Senado, Thomas O'Neill, dizia-se que Joe gastara 300 000 dólares na primeira campanha do filho, o equivalente hoje a 1,73 milhão. O'Neill disse que essa soma era seis vezes maior do que a que ele próprio despendeu no mesmo distrito, na dura disputa eleitoral ocorrida seis anos depois.

Mas compensou. A 5 de novembro de 1946, Jack foi eleito para o Congresso. Dias depois, entregou um relatório ao secretário do estado de Massachusetts garantindo que durante a campanha não se recolhera ou gastara dinheiro algum.

Pouco depois, candidatou-se ao segundo mandato no Congresso. Foi então que a sombra da tragédia se abateu mais uma vez sobre a família: Kathleen, a mais conhecida como Kick, morreu num acidente de avião na França.

Devastado, Joe, que já se encontrava em Paris à espera da filha, foi identificar o corpo. Ainda tinha esperanças de se tratar de um engano,

mas quando um funcionário abriu o caixão, agarrou-se ao cadáver dilacerado da filha de 28 anos. Quando, nessa noite, telefonou para casa, não fez referência aos terríveis ferimentos que vira. Disse à família que ela estava «linda».

Esteve presente ao funeral de Kick, na Inglaterra. Embora estivesse sempre disposta a viajar a Paris para assistir a desfiles de moda e comprar

LEIA EM SETEMBRO

Esteja atento a estes e a mais de uma vintena de outros artigos e seções que o farão rir, pensar, comover-se ou indignar-se, selecionados do que de melhor se publica no mundo.

HORROR EM OKLAHOMA

No ano passado, o edifício do governo federal americano em Oklahoma City foi destruído por uma enorme explosão. O terrorismo tinha chegado ao coração dos EUA pela mão de americanos.

SÓZINHOS NO UNIVERSO

Estaremos realmente sós no universo? Descobertas recentes dão-nos esperança de que a resposta para esta fascinante pergunta está quase ao nosso alcance. Existirão outros mundos?

A QUEM PERTENCE JERUSALÉM?

Que significa Jerusalém para judeus, árabes e cristãos? Cidade santa, território partilhado ou palco por excelência da separação — uma exposição dos argumentos em disputa.

OS FABULOSOS IRMÃOS LUMIÈRE

Já foi há mais de um século que estes franceses visionários revolucionaram a nossa maneira de encarar o mundo quando inventaram o cinema. Leia como tudo aconteceu, na edição de setembro.

QUE SABEMOS SOBRE A MEMÓRIA?

Novas pesquisas revelam por que esquecemos certas coisas e como podemos lembrar-nos melhor do passado. Conheça os nosso cinco tipos de memória. Fique sabendo como usá-los melhor.

vestidos, Rose parece ter achado pouco conveniente deslocar-se para comparecer ao enterro da filha.

Joe Jr. e Kick tinham morrido, e, para efeitos práticos, o mesmo se passara com Rosemary. Joe Jr. «era o filho preferido do tio Joe. Kick era a filha mais querida», conta a sobrinha deste, Mary Lou McCarthy.

Kathleen foi enterrada na Inglaterra. Em sua campa estão gravadas as palavras: *Joy She Gave — Joy She Has Found (Produziu e Encontrou Alegria)*.

Grandes ambições

Depois de eleito para o Congresso por três vezes, Jack começou a corrida para o Senado a 24 de abril de 1952, procurando obter o lugar de Henry Cabot Lodge Jr.

Quando os Kennedy souberam que em Massachusetts havia mais mulheres do que homens, chegaram à conclusão de que tinha de haver um modo de apelar diretamente a esse grande contingente eleitoral. As irmãs Eunice, Patricia e Jean sugeriram que podiam organizar chás por todo o estado. Joe achou que era «uma grande idéia», mas avisou às filhas que convidassem eleitoras independentes e republicanas, além de democratas.

Um desses chás realizou-se num domingo de junho, no Hotel Continental de Cambridge, onde milhares de mulheres assistiram ao discurso de Jack. Tais encontros deram-lhe a possibilidade de encantar as eleitoras com sua bela aparência e inte-

ligência. Mais tarde, Lodge atribuiu sua derrota «àqueles malditos chás».

Mas o grande ponto de virada favorável para Jack deu-se quando o poderoso jornal *Post* de Boston passou a apoiá-lo. Anos depois, John Fox, editor do jornal, admitiu que Joe lhe fizera um empréstimo de 500 000 dólares. Insistiu em que o pagara «com juros» e que isso não tinha nada a ver com o apoio do jornal a Jack. Por seu lado, Joe fez uma declaração segundo a qual o empréstimo — algo equivalente a 2,8 milhões de dólares hoje — fora «uma transação puramente comercial, por 60 dias apenas, com juros colaterais e totais, pago integralmente dentro do prazo».

Contudo, Raymond H. Faxon, amigo de Fox e vice-presidente financeiro da John Fox & Co., a empresa de investimentos do editor, revelou em exclusivo a este que aqui escreve que «Fox necessitava de dinheiro e obteve-o de Joe. Tratava-se de 500 000 dólares, e é verdade que os pagou, mas levou algum tempo. Houve juros colaterais, mas inferiores ao valor do empréstimo. Aquilo foi mais um subsídio.»

Jack ganhou a corrida para o Senado a 4 de novembro de 1952. As despesas de campanha foram declaradas como sendo de 349 646 dólares, uma quantia que provavelmente só cobriria os *outdoors*. Correu o boato de que a importância verdadeira seria de vários milhões de dólares.

Conseguida a eleição de Jack para o Senado, Joe disse-lhe que tinha de se casar. Ter mulher e filhos era uma

necessidade política. Quando conheceu Jacqueline Lee Bouvier, achou que convinha ao filho.

Jackie «tinha todos os ingredientes sociais importantes que Joe Kennedy achava úteis para Jack chegar à presidência», escreveu C. David Heymann em *A Woman Named Jackie (Uma Mulher Chamada Jackie)*. «[A formação na Escola de] Miss Porter, Vassar, a Sorbonne, o título de Debutante do Ano. Quanto mais não fosse, dava a sensação de dispor de grande fortuna — o que, aliás, não passava de ilusão, porque de fato Jackie não tinha praticamente dinheiro. Mas ninguém soube disse antes do casamento.»

Como de costume, Jack fez o que o pai mandou e, a 12 de setembro de 1953, casou com Jackie numa cerimônia oficiada pelo arcebispo Richard J. Cushing.

— Joe Kennedy não se limitou a aprovar o casamento: ordenou-o — confidenciou Lem Billings, amigo de Jack.

A princípio, Jackie não se deu bem com a família. As irmãs de Jack faziam troça dela, chamando-a de *The Deb* (a debutante) e assinalando que a pronúncia do nome por ela preferida — Jack-LIN — rimava com *queen* (rainha).

Por seu lado, Jackie ridicularizava a ânsia das irmãs Kennedy de ganharem todos os jogos, em vez de apreciarem o esporte em si. Chamava-as de as garotas «rah-rah». Quanto às relações entre sogra e nora, as duas apenas se toleravam.

No verão de 1956, delineou-se

uma tendência para a nomeação de Jack para a vice-presidência da campanha democrática a favor de Adlai E. Stevenson, mas Joe avisou-o de que o candidato não ganharia e aconselhou-o a não acompanhá-lo na corrida eleitoral. Mesmo assim, Jack apareceu no programa da CBS «Face the Nation» para dizer que não era candidato nem a presidente nem a vice-presidente, mas aceitaria se fosse nomeado.

A 16 de agosto de 1956, no primeiro escrutínio na convenção de Chicago, Stevenson ganhou a nomeação democrata para presidente, mas Jack perdeu a posição vice-presidencial em favor do senador Estes Kefauver do Tennessee, depois de ter estado a 38,5 votos de ganhar.

Furioso, Joe afirmou mais tarde que essa foi a única vez em que Jack não seguiu um conselho seu, mas o fato de ter estado em destaque deu mais visibilidade nacional ao jovem político.

Até o pai deve ter apreciado isso. Se havia coisa que sabia fazer, era manipular os meios de comunicação. Muito antes de os conselheiros de imagem e os gurus políticos terem começado a orientar candidatos presidenciais, Joe compôs a imagem de Jack com mais eficácia do que qualquer executivo da Madison Avenue. Dizia:

— Vamos vender o Jack como se vende sabão em pó. Em política não há acidentes.

Insistiu sempre com os filhos para que classificassem seus atos não como «política», dadas as conota-

ções negativas da palavra, mas como «assuntos públicos» ou «serviço público». Falando com um correspondente do *Time*, garantiu-lhe que Jack se interessara pelas funções públicas ao ouvir os dois avós conversando nas reuniões dominicais de família.

No início da campanha presidencial, também convencera um dos principais responsáveis da TV de New England a ensinar Jack a se sair bem diante das câmeras. Segundo esse homem de televisão:

— Ele estava obcecado pela idéia de que a TV seria decisiva na eleição presidencial. Ensina-mos-lhe as técnicas. Pusemo-lo diante das câmeras. Jack era, das pessoas que conheci, a que lia mais depressa. Dominou a maneira de fazer televisão. Era formidável. Preparava-se muito bem, aplicava-se seriamente.

Jack anunciou formalmente sua candidatura presidencial a 2 de janeiro de 1960. É pouco provável que o público da época soubesse da forma como Joe controlava de perto os filhos e das enormes quantias que gastava para vê-los progredir.

— O que são 100 milhões de dólares se contribuirão para ajudar o Jack? — perguntou uma vez a James M. Landis, que exerceu funções com ele na primeira SEC e que mais tarde serviu de assessor a Jack.

Quando Joe acordou, na manhã de 9 de novembro de 1960, o filho já tinha sido eleito presidente por uma margem de um décimo de 1%. Para o pai, era o culminar de uma vida de esforços. Agora já consenti-

ria em deixar-se fotografar na companhia de Jack.

— Posso aparecer a seu lado sempre que quiser.

Como previa, a televisão tinha sido um fator decisivo. Naquele tempo, cerca de 90% dos americanos tinham televisão em casa. Os debates entre Jack e Richard Nixon deram a Kennedy a vantagem que lhe permitiu derrotar o vice-presidente.

Não satisfeito com ter orquestrado e pago a eleição do filho, Joe continuou a exercer domínio sobre a forma como este agia quando em funções. O senador George Smathers lembra-se de estar sentado com Jack numa das pontas da piscina de Palm Beach numa manhã após a eleição. No outro lado da piscina, Joe lia os jornais.

Jack estava perplexo.

— Não sei o que fazer com o Bobby — comentou. — Arruinou-se para me apoiar.

— Por que não pensa em fazê-lo subsecretário de Defesa? — perguntei-lhe.

— O velho quer que ele seja procurador-geral.

— Mas ele nunca esteve com um processo nas mãos. Se o nomear subsecretário, terá muito poder. É uma função apropriada para um sujeito que nunca fez nada na vida.

— Por que não fala você com o velho? — sugeriu Jack.

Smathers foi ter com ele e disse: — Desculpe, senhor embaixador. Jack e eu estávamos agora mesmo conversando sobre Bobby. Ele quer dar-lhe qualquer cargo. Pensei que

seria um bom subsecretário de Defesa. Daqui a um ano ou dois, pode ser promovido.

Sem hesitar, Joe chamou:

— Jack, vem cá! — recorda Smathers. — Jack se aproximou e Joe lhe disse: «Seu irmão Bobby fez tudo para apoiá-lo. Pelo amor de Deus, merece ser procurador-geral dos Estados Unidos! É pode crer que o será! Está entendendo?» Jack respondeu: «Sim, estou.» E foi assim que Bobby se tornou procurador-geral.



Jack e Joe Kennedy no aeroporto de Palm Beach em dezembro de 1961, antes de Joe sofrer a trombose

O princípio do fim

Na manhã de 19 de dezembro de 1961, Ann Gargan, sobrinha de Rose, acompanhou Joe ao Aeroporto Internacional de Palm Beach para ele se despedir de Jack, levando-o em seguida para o Clube de Golfe de Palm Beach.

— Tínhamos jogado o 16.º buraco. Ao apanhar a bola, tio Joe disse que se sentia um pouco fraco — contou ela.

Ao voltar para casa, foi para o quarto.

— Deitou-se na cama vestido, com os sapatos de golfe calçados.

Foi então que uma secretária lhe comunicou que Bobby estava ao telefone e que Joe não atendia.

— Fomos ver, e a porta do quarto estava aberta — conta. — Ele jazia

no chão. Não tinha conseguido atender o telefone.

No St. Mary's Hospital, os médicos verificaram que tinha sofrido uma trombose aguda. O braço e a perna direitos estavam quase totalmente paralisados. Não conseguia falar, emitindo apenas sons guturais. Os músculos da face direita estavam imobilizados e a boca descaía para esse lado.

— Às vezes, ele fazia-se entender, mas nem sempre tínhamos certeza do que queria — conta Ann. — Dizia «não, não, não» e havia outras palavras que entendíamos bem — palavras.

Joe dissera um dia que o que mais temia na vida era ficar incapacitado. Seu pior receio se realizara. Embora percebesse o que se passava à sua volta, não conseguia falar.

Nesse dia, Jack apanhou um avião em Washington para voltar para casa, e o resto da família também começou a chegar. A imprensa sintonizou-se com o jeito da família: «Presidente Leva Pai a Andar de Barco; O Kennedy Mais Velho Melhora», noticiava o *New York Times*. «Joseph Kennedy Dá um Passeio Todos os Dias», registrava o *Globe* de Boston. Se os Kennedy não choram, também não se deixariam abater por uma simples trombose.

Os tratamentos no Instituto de Medicina Física e Reabilitação de Nova York contribuíram para uma ligeira melhora em seu estado de saúde, mas a família chegou à conclusão de que era oportuno divulgar mais uma série de histórias da carochinha. A Casa Branca emitiu uma declaração segundo a qual ele «retomara a fala, encontrava-se no uso pleno de suas faculdades mentais e começavam a registrar-se progressos na parte do corpo paralisada».

A 3 de dezembro de 1962, o *Globe* anunciou que Joe tinha registrado «uma recuperação notável», embora «subsistam alguns efeitos [do ataque]. Está bem de saúde e dedica-se às suas atividades normais», declarava, citando um porta-voz da família.

Na realidade, o Dr. Henry Betts, do Rusk Institute, que o acompanhava medicamente, afirmara que Joe «compreendia tudo, mas não conseguia falar». Comunicava-se só com os olhos, com a expressão fisionômica e com a mão esquerda, cheia de força.

Na tarde de 22 de novembro de 1963, Dora Lawrence, uma das criadas da casa de Hyannis Port, começou a gritar. Tinha assistido à televisão e subiu as escadas correndo.

— Deram um tiro no presidente! Meu Deus! — berrou.

Quando soube da notícia, Rose ficou com os olhos enevoados. Sem dizer uma palavra, virou-se e foi para o quarto. A mão tremia-lhe ligeiramente ao apoiar os dedos na testa.

— Não se preocupe — disse à enfermeira de Joe, Rita Dallas. — Ele vai ficar bom, vai ver.

Depois, entrou no quarto e fechou a porta.

Joe tinha estado dormindo, mas acordou porque os cinco telefones da casa começaram a tocar. Primeiro, Bobby telefonou dizendo que não se esperava que Jack se salvasse. Depois, chegou a notícia da morte. Rose saiu do quarto e disse a Dallas que não contasse nada a Joe.

Mais tarde, Ted e Eunice informaram-no.

— Papai — disse ela em voz baixa —, houve um acidente. Pai, oh, meu pai! Jack morreu. Está morto! Mas está no céu.

Ted se ajoelhou e apoiou o rosto nas mãos.

— Ele morreu, pai. Morreu — repetiu Eunice.

— Os olhos do Sr. Kennedy não paravam quietos — recorda Dallas. — Olhou para mim, e vi uma onda de dor percorrer-lhe o rosto, quando pousou a mão na cabeça de Eunice.

Ao levar-lhe um pouco de suco,

Dallas pôs o jornal de lado, esperando que não lho pedisse. As manchetes enormes chamavam a atenção para pormenores do assassinato. Ele quis ver o jornal e, depois de ler umas linhas, atirou-o no chão. Dallas voltou a olhar para ele. Estava deitado, com os olhos fechados, mas corriam-lhe duas lágrimas pelo rosto.

Dois dias depois do funeral, Jackie levou-lhe a bandeira americana de Jack.

— Vovô — disse ela —, Jack morreu, e nada voltará a ser como antes para nós. Quero contar-lhe tudo.

Sem se deter, relatou toda a história, desde a chegada do presidente a Dallas até o funeral em Washington. No fim de semana a seguir ao dia de Ação de Graças, o cardeal Cushing visitou Joe para lhe repetir o discurso fúnebre que pronunciara.

Os desgostos sucediam-se. A 5 de junho de 1968, Bobby Kennedy, que se tornara senador por Nova York e se candidatara à presidência, foi assassinado em Los Angeles. Joe estava deitado quando a televisão começou a emitir imagens do tiroteio. Ele cobriu os olhos, e Rita Dallas reparou que lhe corriam lágrimas.

Um ano depois, chegaram mais notícias trágicas. Na noite de sexta-feira 18 de julho de 1969, Ted deu uma festa na ilha de Chappaquiddick, no extremo oriental de Martha's Vineyard, em honra das moças do Boiler Room que tinham apoiado Bobby na campanha. Passava da meia-noite quando Ted perdeu o controle de seu automóvel, que se despencou da ponte Dyke. A passa-

geira, que se chamava Mary Jo Kopechne, afogou-se.

Depois de se atrasar no aviso à polícia do sucedido, Ted subiu as escadas da casa de família de Hyannis Port e entrou no quarto do pai, dizendo:

— Pai, houve um acidente. Eu levava uma moça no carro e ela se afogou.

Joe inclinou a cabeça para a frente enquanto ouvia Ted. Depois, deixou-a cair para trás. O filho sentou-se e apoiou o rosto nas mãos, dizendo:

— Não sei o que fazer, pai, não sei.

Depois disso, Rita Dallas notou que o estado de Joe se agravava.

— Vi-o entrar em declínio, depois de Chappaquiddick. Sempre que acontecia qualquer coisa, recompunha-se com dificuldade cada vez maior. Após aquele incidente, não pôde mais se recuperar.

No fim do verão, ele perdeu o apetite. Faltava-lhe a vista. As paredes internas da garganta ganharam espessura e não conseguia engolir. As cordas vocais só emitiam um ruído baixo, quase inaudível.

Deixou de pôr os óculos. Perdeu aquele sorriso que lhe abrira tantas portas. Em seu lugar, ficara uma expressão deformada em consequência do ataque.

A 15 de novembro de 1969, sofreu outra série de acidentes cardíacos. No dia seguinte, Rose esteve todo o dia e toda a noite a seu lado. A 17 de novembro, os sinais vitais eram tênues e ele entrou em coma. Jackie passou essa noite junto dele. A famí-

lia tinha concordado em não recorrer a métodos artificiais que lhe prolongassem a vida.

Na manhã de 18 de novembro, reuniram-se todos — Ted e Joan, Pat, Jean e Stephen Smith, Jackie, Ethel, Eunice e o sargento Shriver. Quando se ajoelharam ao lado da cama de Joe, Eunice rezou:

— Pai nosso, que estais no céu...

Um a um, os outros membros da família retomaram a oração. Às 11.05, Rose terminou:

— E livrai-nos do mal. Amém.

Nesse momento, Joe expirou.

A 20 de novembro, enterraram-no no jazigo da família, no Cemitério Holyhood em Brookline, a 5 km da antiga casa de família. O vento levou para longe as palavras do cardeal Cushing quando se ajoelhou junto ao caixão para se despedir do amigo.

JOSEPH P. Kennedy fundou uma dinastia que produziu o primeiro presidente católico, três senadores, um

procurador-geral, três congressistas e possíveis candidatos presidenciais futuros, que talvez continuem a influenciar a história americana.

Mas fez mais do que dar origem a uma família política proeminente. Ao contrário de John Adams, o fazendeiro cuja dinastia incluía dois presidentes americanos, Joe Kennedy orquestrou o destino dos filhos. Como um parceiro oculto, disponibilizou o dinheiro e as relações de que necessitaram e orientou-lhes as campanhas.

Quando os filhos tomaram posse de suas altas funções, continuou a dominar-lhes os atos, dando forma aos mitos que ainda hoje rodeiam a família e se tornaram uma obsessão nacional.

Fê-lo por uma razão simples. Apesar de todas as juras de fidelidade ao serviço público, Joseph P. Kennedy queria, acima de tudo, o poder. Através da dinastia política que fundou, teve-o, mais do que imaginara. Mas a um custo colossal.

CONDENSADO DE «THE SINS OF THE FATHER: JOSEPH P. KENNEDY AND THE DINASTY HE FOUNDED», COPYRIGHT © DE RONALD KESSLER, PUBLICADO PELA WARNER BOOKS, NOVA YORK. FOTOS: PÁGINA 119 (JOSEPH), © DE UPI/BETTMANN; (FILHOS JACK, BOBBY E TED), © DE TIFFANY/GAMMA LIAISON; PÁGINA 120 (FAMÍLIA), © DE SYGMA; PÁGINA 123, © DE ARCHIVE PHOTOS; PÁGINA 127 (GLORIA SWANSON), © DE ARCHIVE PHOTOS, (KENNEDYS) © DE THE BETTMANN ARCHIVE; PÁGINA 141, © DE ARCHIVE PHOTOS/BERT MORGAN

Ouvido treinado

CERTA VEZ, num restaurante, repreendi meu filho de 4 anos por estar falando com a boca cheia.

— Mump, umm, hhmff — foi a resposta.

— Filho! — ralhei. — Ninguém entende o que você está dizendo!

— Ele quer *ketchup* — disse calmamente meu marido.

Uma senhora sentada a nosso lado virou-se para nós e perguntou:

— Como é que o senhor consegue entender?

— É que eu sou dentista — explicou meu marido. — Julia Denton, EUA